

Caio Tozzi

# VIVA O PALCO!

Histórias juvenis  
para ler e encenar

[OS CONTOS]

# Apresentação

## As histórias para ler

Os dois contos que aqui estão — “Rubi em cena” e “O mural” — são adaptações literárias dos textos dramáticos presentes no livro *Viva o palco! — Histórias juvenis para ler e encenar*, contemplado pelo edital de publicação de textos dramáticos inéditos do Programa de Ação Cultural (ProAC). O projeto consiste na criação e publicação de dramaturgias inéditas voltadas para o público juvenil, que terão distribuição gratuita e os direitos liberados para montagens escolares. A proposta visa incentivar os jovens a viver a experiência do palco, mergulhando em narrativas que falem sobre sentimentos, angústias e experiências vividas nessa fase da vida.

A decisão de adaptar os textos dramáticos para o gênero literário conto foi pensada para que os jovens ampliem as suas possibilidades criativas ao fazerem a montagem das peças, além de abrir discussões para que possam compará-las e, assim, analisar as mudanças feitas em uma adaptação literária, seja na estrutura, seja na linguagem.

Nas páginas a seguir, você vai conhecer a história da tímida Rubi, que é matriculada pela mãe em um curso de teatro e descobre maneiras de se reinventar nessa situação, e de Thales, um garoto inseguro que, ao assumir os seus fracassos e dar valor aos seus talentos, recupera a sua autoconfiança.

As histórias colocam luz no processo de crescimento e de construção de identidade, tão desafiador para os jovens. Espero que estas histórias sejam boas companhias para você.

Um abraço do Caio.

# SUMÁRIO

Rubi em cena .....	4
O mural .....	20
Sobre o autor .....	36

# Rubi em cena

Mamãe entrou no meu quarto feito um furacão — e sem autorização! —, como sempre. Ela não era muito de respeitar nem o meu espaço, nem o meu tempo, nem a minha intimidade. Na verdade, ela não respeitava era nada!

— Rubi! Rubi!

Só de ouvir aquela voz animada eu já ficava cansada. Eu conhecia dona Salete e sabia que coisa boa não vinha pela frente.

— Fala, mãe! — retruquei, me recompondo.

Ela agitava as mãos e carregava o seu habitual sorriso suspeito no rosto. Aproximou-se com passos ansiosos e sentou-se ao meu lado na cama.

— Ah, minha joinha, estou tão animada com uma coisa!

Dona Salete tinha aquela mania de me chamar de “joinha” por causa da pedra preciosa que eu carrego no nome. Quando eu era criança, até curtia, achava bonitinho. Mas, de uns tempos para cá, tenho arrepios só de ouvir.

— Bom para você... — respondi, bufei e revirei os olhos.

Ela fez um tsc, tsc, junto a um sinal de negativo com a cabeça, e apontou o indicador direito com aquela unha grande e vermelha na direção do meu peito.

— Não, não! Bom para você! — revidou enfatizando o “você”, que, naquele caso, era eu.

Fiquei morrendo de medo, é sério. Sempre que ela diz que tem uma novidade, me dá uma dor de cabeça daquelas. Acho que a minha mãe não entende muito bem quem eu sou.

Qual é o problema de ser uma garota de treze anos totalmente na minha? Entende? Na minha!

Meu lance é ficar no meu quarto. É mil vezes melhor do que o mundo lá fora. No meu quarto, tenho meu universo. Tenho a companhia dos meus livros, é o lugar em que assisto às minhas séries, ouço as minhas músicas. É o melhor lugar do mundo *ever*! Quando tenho que fazer algo fora daqui e não consigo escapar, vou contando os segundos para voltar. Tipo ir à escola, ou à psicóloga, ou ao passeio semanal com meus pais, ou aos encontros de família, que são os mais difíceis sempre, né? Etcétera, etcétera, etcétera.

No meu quarto, me basto. Já falei um zilhão de vezes para a minha mãe que a vida que eu tenho é a de que eu gosto, que está tudo bem, mas cadê que ela acredita? Cadê que ela respeita? A sua mãe é assim também? A minha vive dizendo que eu tenho que isso, tenho que aquilo. Ter que, ter que, ter que... ah, essas mães!

— Calma, calma! Você vai adorar esta novidade — ela insistiu.

Eu não aguentava mais a minha mãe invadindo o meu quarto com novidades. Uma vez, ela me mandou para o acampamento de férias para eu aprender a dormir sozinha longe de casa (me traumatizou, é claro). Também me desafiou a andar de tirolesa para perder o medo de altura (superideia legal, nossa...). Porém, o mais surpreendente foi quando ela me levou a uma cartomante para saber qual seria o meu futuro. A minha mãe gostou tanto do que ouviu dessa mulher que sempre volta a falar dela como se fosse a conhecedora suprema do meu destino.

— Você se lembra da cartomante?

Olhe aí!

Dona Salete continuou:

— Rubi, eu acho que ela pode estar certa, minha filha, de verdade. Ela viu lá nas cartas que você seria uma estrela.

— Ah, me poupe, mãe! Eu? Estrela? Onde?

— Por favor, Rubi, me escute! Eu faço isso para o seu bem, eu quero tanto que você...

— Mãe, para de querer que eu seja diferente... — me volvei para ela e olhei bem dentro dos seus olhos. Eu sei que ela quer mesmo o meu bem, mas dava um cansaço toda aquela pressão, sabe? Tá, fiquei com um pouco de dó. Decidi escutar o que ela queria me dizer, afinal, não devia ser fácil ser minha mãe. — Tá, eu sei que deve ser difícil pra você ser mãe de uma adolescente como eu. Essa concha. Ainda mais você que é toda...

— Olha o que você vai falar, menina! — ela me cortou. — Lembre-se de que eu sou a sua mãe!

— Toda animada! Isso que eu ia dizer, ué?! — continuei. — É, mãe... você é toda animada e eu sou assim, digamos, de boa. Sem querer nada, sem encher o saco de ninguém. Tá tudo bem, tudo bem. Olha que paz é esse quarto. Tá ouvindo?

— Não... ouvindo o quê?

— O silêncio...

Claro que ela não entrou na minha *vibe*. Ansiosa, ficou me cutucando para a gente voltar à tal novidade.

— Rubi, minha joinha, vamos parar com isso? Você tem que viver outras experiências, conhecer pessoas, ter um namoradinho...

— Credo, mãe! — gritei.

Eu era obrigada a ouvir cada coisa. Nossa, isso me irritava demais! Ser o que eu quero ou ser o que os outros querem que eu seja? No fundo, no fundo, queria mesmo ser uma terceira coisa, nem cá nem lá. Vou ser sincera, ultimamente, até eu andava cansada de mim mesma. Ai, ai... que sonho seria se eu pudesse ganhar uma vida novinha. Que sonho! Que sonho! Comecei a viajar ali mesmo: como é que ela poderia ser? Como *eu* poderia ser?

Mas aí fui puxada para a realidade quando ouvi:

— Toma!

Ela me entregou um folheto. Deu até medo de pegar, juro. Coisa boa não devia ser.

— Vai, pega! — ela insistiu. — Eu encontrei esse curso. Foi feitinho para você, minha filha. É tudo o que você precisa para desabrochar.

*Desabrochar?* Quem usa uma palavra dessas? Bom, para evitar maiores conflitos e acabar com aquela cena, li o folheto.

— Teatro?

— É, teatro!

— Como assim?

— Assim, assim, ué?! — dona Salete deu de ombros. — Esse curso de teatro da sua escola vai fazer você se soltar. Não é o máximo? Você vai expandir os horizontes, conhecer pessoas, ver que a vida é muito mais do que este quarto. Aliás, Rubi, abre essa janela, pelo amor de Deus!

Sem deixar eu argumentar, terminou o discurso, abriu a tal da janela, virou as costas e, com passos firmes, saiu do meu quarto. Óbvio, deixou a bomba comigo.

— Eu, sinceramente, acho que este quarto está ótimo para mim... — resmunguei, jogando o folheto no lixo.

Ela ouviu e, lá de longe, gritou:

— Eu só tenho uma coisa a dizer, minha joinha: parabéns, você está inscrita no curso de teatro! O palco é seu, minha filha!

— Eu? No palco? — respondi, afundando a cabeça no travesseiro. — Ah, nunca! Nunca!

\*\*\*

Nunca, eu disse.

Mas o problema é que o “Vai, sim, eu mando em você!” dela é sempre mais forte do que o meu “Não quero e não vou, mãe!”. E, quando dei por mim, lá estava eu em cima de um palco.

Sim, de um palco.

Com a maior certeza de que eu não deveria estar ali.

Era o primeiro dia de aula no tal curso que mamãe tinha inventado de eu fazer. Na minha frente, ocupando a plateia do pequeno auditório da escola, estavam o professor do curso, um cara simpático de uns trinta e poucos anos, e mais uns seis ou sete adolescentes como eu.

Duas meninas, especificamente, me arrepiavam a espinha. Elas ficavam me olhando de um jeito! Sabe quando estão julgando? Ficavam cochichando e dando risadinhas. Eu sabia quão inapropriada eu era para aquele lugar, não precisavam esfregar isso na minha cara.

Quando o professor pediu para eu subir no palco e me apresentar, quase morri do coração. As minhas mãos suaram, as minhas pernas bambearam e fiquei gaguejando.

— Calma, Rubi, está tudo bem. Só nos conte por que você resolveu fazer o curso de teatro — disse, calmamente, o professor.

Eu só ouvi as tais garotas falando:

— Pelamor, que ela tenha uma boa explicação...

— Essa não tem brilho nenhum. Como pode?

Eu queria sair correndo de lá, de verdade, mas não encontrei nenhuma rota de fuga.

— Na verdade, na verdade, não fui eu quem quis me matricular no curso de teatro — revelei. Era melhor ser sincera, né?

Uma das meninas ficou rindo e soltou:

— Caso clássico da mãe frustrada que acha que a filha nada a ver vai fazer sucesso.

— Meninas, silêncio, por favor — o professor a repreendeu e se voltou para mim. — Rubi, é normal ficar nervosa na primeira vez que se sobe no palco. Mas eu garanto que você, em breve, vai se sentir muito bem aqui.

Ele era um cara legal, o que era a minha única luz naquele pesadelo todo.

— O teatro ajuda muito, muito mesmo, adolescentes tímidos como você — e disse, enquanto eu descia do palco: — Obrigado, Rubi. Seja bem-vinda.

Fiquei pensando naquela história de adolescentes tímidos. Eu nunca tinha me visto dessa maneira. Sempre fui extrovertida, faladora, todos riam comigo. Agora as pessoas riem de mim. Não sei o que aconteceu, mas fui crescendo e alguma coisa mudou e mudou demais dentro mim. O meu corpo e o meu jeito de andar ficaram esquisitos, nasceu em mim uma vontade enorme de ficar longe de todo mundo, mais quieta. Eu não sei explicar. Minha mãe ficou bem assustada, talvez por isso queira tanto me resgatar sei lá de onde. Será que eu me encaixo no perfil de uma adolescente tímida? Ou no de uma adolescente nada, nada, nada a ver, como todo mundo fala na escola?

Desci o mais rápido que pude do palco e procurei um lugar na plateia longe de todos. Na sequência, os meus colegas também subiram no palco para se apresentarem. E, por acaso, a tal da menina que havia me criticado, Ivy, foi depois de mim, a pedido do professor. Entrou no tablado toda metida, de nariz em pé, sorriso no rosto. Caminhou até o centro do palco e perguntou (acredite, é verdade!):

— Já posso falar? Câmeras ligadas?

Viu por que eu prefiro ficar longe de tudo isso? O professor, com toda a paciência do mundo, explicou:

— Claro, mas lembre-se de que aqui é um palco de teatro, não tem câmera. Então me conte, Ivy, por que você decidiu fazer o curso de teatro?

Agora, preste atenção no que a menina falou:

— Ai... é cada pergunta! Bom, mas vamos lá: o negócio é que desde pequenininha eu tenho algo único, um brilho, um *tcham*. Saca? *Tcham*? Todo mundo na família repete isto: essa menina é diferente. Vai ser estrela. É, eu tenho tudo para arrebentar.

O mundo é muito cansativo mesmo. Cara, ela não parava de falar:

— Mas eu quero ter uma base, prô, para poder me sair melhor na websérie que vou produzir com o Zamug do nono ano. Você conhece ele? Ganhou um celu animal, que filma, tipo, de um jeito megatecnológico, e lançou tipo esta: “E aí, Ivynha, não quer ser a estrela da minha série?”. E eu, tipo, falei na hora: “Claro, Zamug!”. Aí, tipo, eu vi o seu curso, prô, achei que era tipo uma boa para não fazer feio na minha estreia nas telas. Na verdade, fazer feio, tipo assim, com certeza eu não ia...

O professor, é claro, sabia aonde tudo aquilo ia parar e cortou a tal assim que conseguiu:

— Ótimo, ótimo, Ivy! Vai ser muito bom ter você aqui.

Quando desceu do palco e caminhou até o seu lugar, Ivy passou por mim e me provocou, assim, do nada:

— Se tiver a fim, posso ver se tem figuração na série do Zamug. Interessa, meu bem?

Nem olhei para a cara dela. Eu só pensava em descobrir um jeito de fugir daquelas aulas.

Eu não ia ficar naquele curso, mas não ia *mesmo!*

\*\*\*

— De jeito nenhum, joinha! Esse curso de teatro está fazendo tão, mas tão bem para você!

Eu estava mais do que disposta a fazer de tudo para sair do curso. Mas parecia que, daquela vez, o obstáculo era desafiador ao extremo: a obsessão de dona Salete estava maior do que nunca. Quando argumentei o quanto aquele curso estava atrapalhando a minha vida (e olha que não contei nada sobre as garotas que riam de mim pelas costas), ela veio com aquele papo de que estava sendo bom para mim. Eu ia sofrendo, voltava tremendo. Ter que me expor daquela maneira era estranho.

— Bem, mãe? Onde você está vendo isso? — perguntei e tentei explicar o que eu sentia: — É terrível sair da última aula sonhando com a minha cama, com um novo episódio do meu seriado preferido, com um belo sanduíche com refri à tarde e ter que esperar um tempão pra ir àquele curso e as pessoas ficarem rindo da minha falta de talento. Onde isso me faz bem, mãe?

— Você é muito exagerada, Rubi. Falta de talento? Quando você era pequenininha, adorava fazer umas apresentações aqui em casa.

— Mãe, eu cresci! Não sou mais pequenininha!

— Mas eu sinto o seu talento nato, joinha. E tem a cartoman...

— Mãe, por favor! Esquece essa mulher! Me dá a chance de sair daquele curso?

— Você que se dê essa chance, Rubi. Eu lembro direitinho que ela falou que você seria uma estrela.

— Pare com isso! — perdi a paciência. — Quem acredita em cartomante?

O problema foi o que aconteceu depois de algumas aulas do curso de teatro. Algo, eu diria, muito estranho.



Certo dia, o professor anunciou que íamos fazer a montagem de um espetáculo. O texto escolhido, segundo ele, era uma história de mistério daquelas que mexiam com a emoção dos espectadores e em que todos ficavam atentos para saber o fim.

Chama-se *Detetive Petra e o grande caso do roubo no Colégio Montemor* e conta a história de uma garota da minha idade, a tal da Petra, que se torna uma investigadora espertíssima e é contratada para desvendar um crime que aconteceu na escola em que estudava. Confesso que até fiquei interessada, eu curtia uns seriados de mistério e ficava doida até descobrir os assassinos e criminosos. E muitas vezes eu conseguia, viu?

Bom, naquele dia, sei lá, fiquei até um pouquinho animada, mas tudo passou quando o professor começou a falar sobre os papéis — o que causou um grande rebuliço.

— Pensei bastante nesta semana, pessoal. Tenho observado vocês, todos têm muito talento, e decidi que quem vai ficar com o papel da Petra é a Rubi — revelou.

— O QUÊ?! — eu disse, chocada.

Logo ouvi aquelas duas meninas, a Ivy e a Manda, se perguntarem a mesma coisa bem atrás de mim.

— Mas prô, peraí! — Ivy pediu a palavra.

— A Petra é a protagonista-heroína-poderosa da peça! — Manda complementou.

— É, professor, deve ter alguma coisa errada aí — disse Ivy.

As duas falavam sem parar no ouvido dele, não estavam acreditando. Eu também não estava, na verdade. Concordei com os argumentos delas.

— Não, meninas, não tem nada de errado na minha decisão — o professor foi taxativo. — Foi isso mesmo que vocês ouviram: a Rubi vai ficar com o papel da Petra. Ela é capaz, senti que curtiu a personagem e sacou a história.

Fiquei sem ação. A figura daquela cartomante na sala escura, tirando cartas para uma pobre menina — eu, no caso —, não saía da minha cabeça. Que ideia dona Salete foi ter de me levar a uma cartomante, né?! E, agora, tinha mais essa: eu ia ser a protagonista da peça. Olha que eu pensei, perguntei, mas não consegui nenhuma pista do motivo pelo qual o professor me escolheu. Ele terminou a fala, virou na minha direção e me disse:

— Rubi, confio em você.

E era exatamente este o problema: ele confiava em mim, eu não. Nem as minhas concorrentes, que, é claro, ficaram furiosíssimas. Loucas pelo papel, elas fizeram das tripas coração para se saírem bem nos testes. Decoraram direitinho as falas, se exibiram bastante e, tá, não conseguiram manter a naturalidade. E talvez não tenham entendido muito bem a personagem. E não têm a cara de inteligente como a da Petra. Aliás, a Petra é incrível.

Eu amei a personagem, juro. Li e reli o texto e fui me encantando com o jeito curioso, perspicaz e corajoso dela. Era tudo o que eu queria ser. Mas como eu poderia ser como Petra? Eu, a menina quieta, tímida, estranha? Eu não tinha nenhuma expectativa de ganhar o papel, até porque o meu objetivo era mesmo fugir do curso. E tinha outra coisa: ela era ótima, a aventura e todo o mistério intrigantes, mas, no final, ela beijava o Jean, um dos suspeitos do crime que a ajudou na investigação.

E como seria possível interpretar um beijo?

Eu nunca tinha beijado na vida e nem fazia ideia de quem faria o papel do Jean. Ou seja, impossível eu me animar com aquela ideia de ser a Petra.

A cada aula, aquele curso me trazia mais problemas e angústias do que coisas boas, como a mamãe achava.

E, olha, eu não ia esperar que desse tudo errado.

Eu não podia fazer isso comigo!

\*\*\*

Bom, inspirada em Petra, eu precisava ser ousada.

Naquela situação, não dava mais para ser a “joinha” da mamãe. A Rubi legalzinha, boazinha, obediente. Era a minha vida que estava em jogo.

Então, comecei a colocar um plano em prática: fugir das aulas de teatro. A minha mãe não podia saber e eu seria esperta o suficiente para que ela nem desconfiasse. Durante o intervalo, circulei pela escola inteira em busca de um bom esconderijo para ficar durante o horário do curso. Encontrei, no terceiro andar do prédio, um terraço que desconhecia, bem perto da sala dos professores. Gostoso, arejado, parecia que poucas pessoas iam lá. Sairia de lá cinco minutos depois do horário da aula de teatro e chegaria em casa contando coisas lindas sobre os ensaios e tudo mais. Aí, a minha mãe ficaria feliz e eu também. Pronto!

Eu estava emocionada com a minha perspicácia e com essa atitude ousada. Aquele novo “eu” me deixava feliz. Será que eu podia mesmo mudar? Será que eu era capaz disso?

Escondida e empolgada, me sentindo meio Petra, passava aquelas tardes lendo e relendo o texto da peça. Eu não podia negar que era muito divertido.

— “Então, eu descobri, enfim, quem é o culpado.” Não, não é isso. Vamos lá, Rubi, concentra! “Então, é você o grande culpado.” Peraí, será que está certo? Coloca entonação, interpreta, lembra o que o professor falou: “Você, eu *sempre* soube, é o grande culpado”.

Pois é, quando dei por mim, não estava apenas lendo o texto, mas tentando interpretá-lo como uma atriz faz. Achei estranho, é verdade, mas interpretar o papel de Petra me dava prazer, era divertido. O problema era ter de interpretar a personagem na frente de todo mundo.

— “Sim, é um achado! Esta pista era a que estava faltando para fecharmos o caso. Bom, meus queridos colegas, então todo o esforço que eu, Petra, fiz não foi em vão. Chegou a grande hora de descobriremos...” — eu repetia as falas até que, numa tarde, alguém me flagrou naquela solitária brincadeira.

— Falando sozinha, é?

Tomei um susto e paralisei. Que vergonha! Tentei me esconder atrás de uma pilastra, mas percebi um sujeitinho vindo na minha direção com um sorriso maroto no rosto.

— Estava, sim, falando sozinha que eu vi! — falou em tom acusatório, o tal. — Eu queria saber quem é esse culpado de que você estava falando. Aconteceu um roubo? Um assassinato? Aqui na escola?

— Nossa, você está viajando! — contestei.

— Não estou, não! Eu ouvi tudinho. Se quiser, posso ajudar você a solucionar o caso.

Caramba, esse garoto é estranho! Muito estranho.

— Fica em paz, garoto. Isso não passa de uma história, é ficção — eu disse.

— História de ficção? Como assim?

É, ele era insistente.

— *Detetive Petra e o grande caso do roubo no Colégio Montemor* — revelei e logo expliquei. — É uma peça de teatro.

Ele, então, arregalou os olhos, surpreso.

— UOU! Você é atriz, hein? — e logo depois do espanto, colocou a mão no queixo, me analisou com atenção e disse: — Olha, você mais parece uma aluna aqui da escola.

— E sou eu mesma! Essa é a peça que está sendo montada no curso de teatro.

Ele olhou bem para mim e, depois, olhou para o relógio no seu pulso:

— Que, no caso, está acontecendo bem agora, né?

— Sim...

— E você está fazendo o curso?

— Sim. Teoricamente.

— Mas, então, você não deveria estar lá no auditório?

— Você pergunta demais, viu? — já estava ficando irritada.

— É, na verdade, eu sou conhecido aqui na escola por saber tudo o que está rolando — ele se gabou. — Por isso fiquei surpreso quando você falou sobre um caso misterioso. Eu não estava sabendo e tal...

Enquanto ele andava de um lado para o outro na minha frente, falando sem parar, eu, enfim, o reconheci:

— Você não é o... — tentava lembrar o apelido dele. — Não é aquele menino que as pessoas chamam de... como é mesmo? Sim, você é o Enturmado!

Ele, então, sorriu para mim e levantou o indicador como se quisesse explicar algo:

— Não era desse jeito que eu gostaria de ser conhecido pelas pessoas, mas é, sou esse aí mesmo.

— Me disseram que você fica tentando ser amigo de todo mundo.

— Intriga da oposição! Sou simpático demais, coisa natural minha, nasci assim.

— Ahn... — resmunguei.

— Você é que não tem muitos amigos, né? — ele comentou. — Sempre vejo você sozinha no intervalo com um fone, cantando “Let’s go, people!” e comendo bolacha de aveia.

Ei, ele ficava me seguindo? Fiquei incomodada. Será que eu era meio que igual a ele, uma pessoa pela qual ninguém se interessava? Será que éramos os dois únicos solitários da escola?

Ele não se fez de rogado diante do meu silêncio e continuou:

— Só não estou lembrando o seu nome. Não é Esmeralda ou coisa do tipo?

— Rubi! — corrigi.

— Ah, sabia que era o nome de uma pedra preciosa!

Eu ri, sem graça. Odiava aquele tipo de brincadeira. Só me faltava ele começar a me chamar de joiinha também. Não via a hora de ele sumir dali, mas o garoto não se tocava e continuava falando sem parar, querendo saber tudo.

— Você não me explicou direito o que está fazendo aqui bem na hora da sua aula de teatro.

Senti que eu precisava contar a verdade para ele. Talvez fosse a melhor solução para despachar o sujeitinho.

— Então, na verdade... tô fugindo da aula.

— Mas isso é muito bom! — ele se animou.

— Como assim?

— Gostei da atitude!

Fiquei espantada.

— Olha, finalmente alguém disse que eu tenho atitude! Essa eu nunca tinha ouvido — debochei, mas estava até que feliz por dentro. Parecia mesmo uma conquista.

— Pois é, mas sempre senti de você...

Antes que ele continuasse, resolvi explicar tudo logo:

— Só estou tentando escapar dessa enrascada em que a minha mãe me meteu — revelei. — Ela inventou de me inscrever no curso de teatro porque diz que eu sou muito tímida, preciso abrir os meus horizontes e *blá-blá-blá*. Mas o palco não é o meu lugar, ficar ali, exposta, falando palavras que não são minhas. Pra quê? Eu queria mesmo era ficar de boa em casa.

Parei imediatamente de falar e perguntei a mim mesma, em voz alta:

— Ei, por que eu estou falando tudo isso para você?

Ele fez um ar de vitorioso.

— Viu? Não sou eu que fico atrás das pessoas, são elas que se aproximam de mim e se sentem confortáveis de se abrir. Fique à vontade, Rubi, acho que já somos amigos.

— Não, acho que não. Desculpa, eu preciso ir.

— Vai voltar para a aula de teatro? — ele quis saber.

— Eu não sei se deveria ficar respondendo a tudo o que você pergunta. Você é muito enxerido.

— Eu trocaria esse adjetivo por... encantador!

Não consegui segurar a risada. Ele era muito nada a ver.

— Mas não, não vou voltar para o curso de teatro. Hoje já consigo chegar em casa sem que ninguém desconfie de que cabulei a aula.

— É isso aí! *Atituuuuude!*

Eu precisava ir embora. Juntei as minhas coisas, virei as costas para ele e ouvi:

— Saiba que você é uma grande atriz!

Aquilo era demais para mim.

— E você é um bajulador mesmo!

— Alguém já disse que você tem potencial para ser uma estrela?

— Ah, não! Você também? — resmunguei.

— Então alguém já percebeu esse seu talento? Não fui o primeiro?

Deixei a história escapar, ele tinha mesmo o poder de fazer as pessoas abrirem a boca sem querer:

— Uma cartomante certamente comentou com a minha mãe... uma viagem sem fim!

— Não, não! Ela estava certíssima! Você é uma atriz nata! — Enturmado se empolgou. — Eu estava vendo você passar o texto. É natural, parece que as palavras são suas. Você se apropria da personagem, quem está vendo se envolve. As palavras saltam suavemente da sua boca. Você sabe respirar na hora certa para dar a tensão necessária. Eu fiquei aqui querendo descobrir quem era o tal culpado. Fiquei preso em você. Olha, você está de parabéns. Merecia ser a protagonista da peça.

— Tipo, eu sou — contei. — Ou era... até porque não fui mais aos ensaios.

— Como assim? Você está jogando essa chance de ouro fora, Rubi? Se eu tivesse a oportunidade de todo mundo me ver, me aplaudir...

— Então, vai lá no meu lugar. Eu não sou essa pessoa. Agora, desculpe, preciso ir embora.

\*\*\*

O pior de tudo é que fui para casa, menti para a minha mãe me sentindo toda, toda, tomei banho, fiz a lição, vi a minha série e, no fim da noite, na hora de dormir, a fala de Enturmado continuava martelando na minha cabeça. Principalmente a parte em que ele disse que eu era boa atriz. Vê se pode? Não dava para acreditar naquele sujeito! Todo mundo sabia que ele era um bajulador, falava as coisas para agradar e tal. Apesar da minha pequena ousadia, eu continuava sendo a mesma: a menina que vive no quarto. Não tenho o brilho, o charme, o jeito extrovertido da Ivy, que sabe pisar no palco e, como ela mesmo diz, “tcham”! Ela merece a Petra, não eu. Essa constatação me doía um pouco. Mas nunca que aquele lugar, o palco, era para mim.

Não era mesmo!

— Rubi!

Então, mais uma vez, a minha mãe abriu a porta do quarto e avançou que nem um raio na minha direção. Dessa vez, talvez o lance fosse pior, porque ela estava com uma cara de poucos amigos.

— Rubi, o que está acontecendo? — ela estava muito agitada (ela já era assim, mas estava mais do que o normal).

— Do que você está falando, mãe? — quis entender.

— Acabei de receber uma ligação lá da escola dizendo que você não apareceu na aula de teatro hoje. E nem nas semanas anteriores. Rubi, minha filha, você tem responsabilidades, né? Não me decepcione...

Eu fiquei mal. Como sempre, me senti culpada. Eu estava tentando ser obediente, certinha, mas não dava. Olhei nos olhos dela e desabafei.

— Eu não nasci para isso, mãe! Eu não quero isso para mim.

Acho que, pela primeira vez na vida, ela sentiu a minha angústia e parou para me escutar. Aproveitei e coloquei muita coisa para fora.

— Eu me sinto desajeitada no mundo, sem lugar, sem saber qual é meu papel aqui embaixo, imagina em cima do palco. É um sofrimento perceber as pessoas me olhando, comentando as coisas que eu faço, o que eu falo. Você acredita que aquele maluco do professor me colocou no papel da Petra? Você sabe quem é a Petra, mãe? A protagonista da peça! A protagonista! Eu nunca vou ser a protagonista de nada!

Terminei a minha fala e um silêncio se fez. Fiquei com a cabeça baixa, morrendo de vergonha. Quando voltei a encarar a minha mãe, os olhos dela estavam marejados. O meu coração se partiu.

— Rubi, você tem noção do que está falando?

Não, eu não tinha. Mas algum adolescente tem noção do que está falando? É muita coisa dentro da gente, muita confusão. Eu nunca me senti tão perdida, tão... que horrível! Às vezes, eu quero ser a Petra; outras vezes, tenho raiva dela. Ela diz coisas que eu queria dizer, mas quando tudo vem à minha boca, lá no palco, tenho vergonha, quero me esconder. Odiei o fato de a minha mãe ter me inscrito no teatro. Mas, ao mesmo tempo, sinto que pode ter sido uma coisa boa, confesso. Poder assumir os meus próprios pensamentos, as minhas vontades, as coisas que eu quero... é tudo muito, muito estranho. Antes não era assim, eu ficava quietinha e tudo bem. Todo mundo falava o que e como eu tinha que ser. E eu odeio isso.

Eu ando querendo ser diferente. Diferente de quem? Do quê?

Será que eu consigo?

— Desculpa, mãe. Eu sei que você está fazendo isso pelo meu bem — reconheci. — Prometo que não vou faltar mais no curso de teatro. Prometo!

Ela disse que eu podia fazer o que eu quisesse. Mas achei que era melhor voltar a ser o que eu era antes. Ser a Rubi estranha no palco e ver o que acontecia. E o pior é que o mundo parecia conspirar mesmo para isso. Logo no dia seguinte, encontrei Enturmado no corredor da escola e ele veio me cobrar. Só que eu ainda tinha dúvidas. Muitas dúvidas.

— Olha, carinha, acho que aquele não é mesmo o meu lugar — afirmei.

— E eu acho que todo mundo pode fazer o seu lugar — ele respondeu, me acompanhando até o pátio. — Pelo menos é o que eu tento fazer. Achar o meu espaço, estar onde eu quero estar.

Desta vez prestei atenção no que ele estava falando. Fez algum sentido.

— É por isso que te chamam de Enturmado... — ironizei.

— É que eu só queria ser visto, sabe? Ter amigos e tal — confessou. — Mas talvez eu não seja mesmo um cara interessante. Meto os pés pelas mãos com os milhares de “Oi, tudo bem?” que espalho por aí, na tentativa de encontrar um lugar para mim. É difícil, de verdade.

Eu fiquei paralisada diante do Enturmado. Não sabia o que dizer depois daquele desabafo. Ele sentia o mesmo que eu guardava para mim, em silêncio. Essa falta do tal traquejo social que a minha mãe tanto fala que é importante.

— Mas sabe, Rubi, eu soube pegar o papel que deram pra mim e o uso a meu favor. Tá legal, então, sou o Enturmado. Sabe que eu até ando conseguindo algumas coisas? Você tá ligada na festa do Alvinho que vai rolar mês que vem?

— Ninguém fala em outra coisa.

— Você vai?

— Eu? *Rá, rá, rá!* Você acha que ele me convidaria para a festa dele?

— Pois bem, Rubi. É disso que eu estou falando. Ninguém me convidaria, mas como eu sou o *Enturmado*, fui lá, me enturmei e me convidaram. Já estou até pensando no *look*. Aceitei que sou esse cara, sabe? E tudo bem.

— Nossa...

— Vai, assume esse papel que deram para você, Rubi. Vai deixar o que é seu ficar com aquelas garotas do curso? Quem escolhe o seu lugar no mundo? Elas?

Pegar o papel que me deram e fazer dele o melhor para mim.

Esse era o recado.

Era isso.

\*\*\*

Eu apareci na aula de teatro. Estava cheia de inseguranças, mas fui.

Quando entrei no auditório, Ivy e Manda estavam no palco. Mas, ao contrário do que de costume, não em clima de cochicho e amizade. Estavam se enfrentando.

— Garota, é sério que você ainda não entendeu que o papel da Petra só pode ser meu? — bradava Ivy.

— Você está é viajando mesmo! — retrucava Manda. — Pare de insistir que está ficando o maior clima com o profe. Ele já decidiu que eu vou ser a Petra e você está constrangendo ele.

— Estudei dias e noites, estou no páreo e vou ser protagonista da série do Zamug. Este é o *meu* caminho!

— Ih, então pode trilhar outra rota, meu bem! Recebi mensagem do Zamug ontem. Ele descobriu que eu estou fazendo aulas de teatro e me prometeu um papel de destaque na série dele.

— Ah, sua traíra! Seus traíras! Vocês dois!

O professor estava um tanto desconcertado. Era difícil mesmo lidar com aquelas duas. Fui entrando no auditório e, quando ele me viu por perto, suspirou, aliviado.

— Rubi! Ufa...

— Desculpa pelo sumiço, professor — era a única coisa que eu podia dizer.

Ele se levantou da cadeira e veio me receber.

— Imagine! É muito bom ver você por aqui novamente. Está tudo bem?

— Está, sim. Muita coisa acontecendo na minha cabeça, sabe? Sei lá. Aí tive que faltar uns dias, mas estou aqui de novo.

— Irresponsável! — resmungou Ivy do palco, direcionando essa fala para mim.

— Para ser atriz tem que ter comprometimento — complementou Manda, agora em apoio à amiga. — Todo o elenco ficou esperando por você!

Tentando evitar mais desgaste, o professor pegou logo a minha mão e me levou até o palco.

— Então, vamos para o ensaio? — propôs.

— Sim, claro — fui sem questionar, porque percebi que a minha ausência tinha lhe dado muita dor de cabeça. Então, perguntei: — Com qual papel eu fico?

— Como assim, com qual papel? — estranhou. — Com a Petra, claro!

— Mas... você não escolheu outra pessoa? — questionei.

Ivy e Manda deixaram o palco protestando.

— De repente surta de novo, abandona tudo e como a gente fica?

— Eu acho um absurdo!



— Rubi, para mim, nesta montagem, esse papel é e sempre será seu... — o professor disse, enfático.

Fiquei até sem jeito. Ele tinha muita certeza daquilo. *Muita* certeza.

Quando cheguei ao centro do tablado, porém, tive uma surpresa daquelas. Da coxia, saiu uma pessoa falando sem parar.

— Eu discordo dessas meninas. Conheço Rubi muito bem. Encontrei com ela várias vezes aí pelos corredores da escola e ela estava com o texto na mão e ensaiando as falas da Petra sem parar. Eu fiquei impressionado a primeira vez que a vi interpretando a personagem. Que talento, que talento! Completamente inteira, entendendo o que cada palavra dizia, dando sentido a cada uma delas. Rubi conseguiu se apropriar da personagem, tem segurança, presença de palco. É uma atriz completa! Desculpe dar meu voto, caro professor, mas não há pessoa melhor nesta turma para ser a protagonista do nosso espetáculo que a Rubi.

Eu fiquei de cara.

— O que você está fazendo aqui, Enturmado? — perguntei sem entender nada.

O professor, então, nos apresentou.

— Este é o Esdras, nosso novo colega. Entrou na turma nesses dias que você faltou. Mas, pelo jeito, vocês já se cruzaram por aí.

O garoto acenou para mim.

— Jura que você veio fazer o curso de teatro? Por quê? — perguntei com curiosidade.

— Ué, achei que era uma boa turma para se... enturmar. Talvez este também pudesse ser o meu lugar. Por que não?

É. Por que não?

\*\*\*

Pois é, pouco a pouco fui entendendo e aceitando que o palco era o meu lugar, sim. Que maluquice, viu? E pensei muito na minha mãe. Apesar de ela se intrometer um tanto na minha vida e de, às vezes, encher a minha paciência, parecia que ela sabia o que era o melhor para mim e tive que dar o braço a torcer.

É muito maluco isso! Ao mesmo tempo que eu não gostava de ser olhada, de ter os outros palpitando na minha vida, foram eles que conseguiram me enxergar por completo. Foi aí que me dei conta de que se eu ficasse no quarto, como eu queria, nunca seria eu por inteiro.

Quando aceitei tudo aquilo, os ensaios correram de uma maneira mais leve e divertida. A Petra ia nascendo e se desenvolvendo em mim. O seu jeito de falar, de andar, os seus gestos. O figurino e os cenários ajudaram muito na composição. Durante o processo, também pensei demais nessa coisa de arte transformar as nossas vidas. Como pessoas inventadas, como os personagens, são capazes de nos dizer, de nos ensinar e de nos transformar tanto, não é mesmo?

Fui entendendo que existia uma troca entre mim e Petra, a menina curiosa e investigadora. Ela acrescentou coisas em mim e eu acrescentei coisas nela. Assim, nós duas, juntas, nos tornamos uma terceira pessoa. E talvez, agora, desse jeito, eu também consiga ser uma nova pessoa sem deixar de ser eu mesma. Porque o caminho é feito de somas e mais somas.

Acho que esse é o aprendizado, principalmente quando se tem treze anos. Às vezes, achamos que tudo é definitivo. Mas aí descobrimos que a vida tem muitas surpresas e que podemos inventar a vida que queremos viver. Isso também é arte e saber lidar com os mistérios disso tudo é uma grande magia.

\*\*\*

O dia do espetáculo foi tão incrível que eu nunca poderia imaginar. Eu estava com um frio na barriga, nervosíssima! O Enturmado também, dava para perceber, mas ele ficava dizendo que não. Queria se mostrar seguro, estava feliz e finalmente teria o destaque que sempre tinha desejado. Acho que ele se encontrou mesmo no teatro.

Na plateia, estavam a minha mãe (orgulhosíssima!), o meu pai, os meus avós e alguns primos. No fim das contas, resolvi chamar um monte de gente. Também estavam os professores e funcionários da escola, alguns colegas de classe e pessoas de outras turmas.

Foi estranho que, ao ficar diante deles em cena, tomada pela Petra, pela primeira vez na vida me senti bem. Era bem melhor do que quando eu estava no meu quarto. É, realmente, algumas coisas tinham mudado. E outras não.

A peça correu bem, sem grandes sustos. Tínhamos ensaiado muito, eu estava com o texto na ponta da língua. Enturmado e eu aprendemos a jogar um com o outro em cena. Ivy e Manda acabaram ganhando papéis de figuração no espetáculo e passaram o tempo todo discutindo e colocando a culpa uma na outra por terem perdido papéis com mais destaque.

— Por que a gente acabou com esse papel de figurante, hein? Tudo culpa sua! — ouvi Ivy dizer em certo momento.

— Culpa minha? — Manda retrucou. — Eu não queria de jeito nenhum estar “Entre as pessoas que acompanham o caso”, mas, sim, lá no centro do palco, no lugar dessa sem talento.

Nada me abalou. Nem a cena de beijo entre Petra e Jean (sim, era o papel que o Enturmado ganhou!). Pois é, acabou acontecendo. O meu primeiro beijo foi aquele em cena. Não lembro muito bem, eu estava muito nervosa. Só ouvi os comentários de Ivy e Manda, que estavam diante de nós.

— Ai, credo, essa parte me revira o estômago!

— Ninguém merece ver esse beijo assim de perto...

No fundo, no fundo, eu queria guardar tudo aquilo na memória, até a revolta das chatas. Tudo foi importante. No fim das contas, aquela experiência de fazer teatro, que começou um tanto turbulenta, se tornou mágica. E o Enturmado, vai, até que era boni... quer dizer, legal.

Após a apresentação, Enturmado e eu ficamos conversando e celebrando no camarim.

— Eu não fazia ideia de que você se chamava Esdras — comentei com ele.

— Sabe que às vezes até eu esqueço? Se bem que agora você pode me chamar de Jean.

— Seu comédia... — eu estava feliz demais e deixei escapar: — Ai, você é muito legal!

— Jura? — ele se surpreendeu.

— Sim, por quê?

— Ninguém nunca me disse isso.

Fui lá e dei um abraço nele. Fiquei um tempo naquele abraço, me sentia bem com ele. Que coisa, não? O meu parceiro de cena.

— E aí, você vai continuar? — perguntei.

— No teatro?

— Sim. Eu vou muito. Achei o meu lugar.

— Finalmente... achamos!

— Só que, da próxima vez, eu quero ser a vilã. Explorar novos perfis de personagens — comentei.

Enturmado, na minha frente, estufou o peito, levantou a sobrancelha e soltou:

— Eu não! Quero continuar sendo galã. Esse papel me caiu muito, muito bem — brincou.

Foi demais. Sabe por quê? Porque eu descobri que, de certa forma, todo dia, quando a gente vai para o mundo, é mais ou menos como subir no palco.

A gente tem que se dispor a entrar em cena.

Por muito tempo, eu achei que o legal era ficar na coxia, ou melhor, aqui na minha. Mas quando a gente aceita as milhões de possibilidades que têm lá fora, é incrível. Quando eu tive coragem de entrar em cena, também passei a ter coragem de ser quem eu sou. É tudo bem se vierem as vaias, as críticas.

Só que se você não entra em cena, também não tem aplauso, né?

E, no fundo, receber uns aplausos até que é legal.

Porque também faz parte da vida.

# O mural

## O lado do Thales

— Um mural! — Juba exclamou diante de um imenso quadro de cortiça, daqueles bem antigos, que agora estava pregado na parede do quarto. — Cara, mas que viagem da vovó, né? Nada a ver esse presente...

Aquilo me dava uma raiva, sério! O meu irmão era daquele jeito mesmo, um mal-agradecido. Tinha gente que dizia que o Juba era rebelde e tal, mas eu não achava. Para mim, ele era um vacilão mesmo.

— Ah... não achei, não! — respondi, na lata.

E eu não tinha achado mesmo, nem disse isso para contrariar o Juba (algo que eu faço com frequência, confesso). Afinal de contas, era quase impossível que dois irmãos adolescentes, que dividem o mesmo quarto e que têm quase a mesma idade (eu tinha dezesseis e ele, catorze-quase-quinze) não vivessem brigando. Até porque somos muito, mas muito diferentes um do outro.

— “Ah... não achei, não!” — ele ficou me imitando para me provocar, como costuma fazer. Virou-se e, ao passar por mim, sussurrou: — Netinho preferido...

Viu? Ciúme. Puro ciúme!

Em seguida, se jogou na cama, pegou uma bolinha de tênis e ficou brincando com ela.

— Agora, fala, Thales: o que a gente vai fazer com esse negócio?

Eu fiquei olhando para o tal mural e, tenho que confessar, não tinha nenhuma resposta na ponta da língua. Enrolei o meu irmão.

— Ah, ela disse que seria legal fazer um mural com lembranças ou coisas legais que aconteceram com a gente — fiquei ali tentando achar uma forma de defendê-la. — Pensa que é tipo uma rede social do passado. A gente coloca aí as coisas da nossa vida e são tipo os *posts*.

Bom, eu tentei, mas Juba me olhou com cara de “nada a ver”.

— E só a gente vai poder ver essa rede social paleolítica? Na rede social a gente exhibe a vida para os outros, essa é que é a graça!

Ele só pensava em se exhibir para os outros. Os outros.

— Tudo bem, Juba. Quando a vó vier aqui e encontrar sua metade vazia, você explica isso pra ela.

Assim que terminei a frase, percebi que o meu irmão não tinha gostado do que eu falei. Sei lá, às vezes, tem coisas que a gente diz que batem diferente na outra pessoa, meio atravessadas. Foi o que aconteceu.

Então, ele se levantou da cama e caminhou até a mochila, que estava jogada no chão, como sempre, e pegou um papel amassado. Com passos confiantes, seguiu até o seu lado do mural e ali o pregou.

— Um papel de bala? — ri.

— E qual é o problema?

— Você vai colocar um papel de bala aí?

— É da bala que estava na minha boca quando beijei a Antonela, do oitavo ano. Ontem — explicou. — Esse mural quer história, não quer?

Fiquei quieto, olhando para ele.

— Algum problema?

— Nenhum. Só estava olhando.

Ele caminhou até mim e, com o queixo empinado, me desafiou:

— Vamos ver quem não vai ter nada para colocar nesse mural!

Não acreditei. Só me faltava essa, que infantilidade!

— Eu não disse que você *não teria* nada para colocar no mural, Juba — argumentei. — Eu disse que você *não queria* colocar nada.

Foi ali que a guerra se fez.

— Você vai ver, por este mural, como a minha vida é muito melhor que a sua — disparou.

— Você ficou maluco, Juba? Nada a ver esse papo. Você e essa mania de competição.

Ele não estava disposto a me errar. Muito pelo contrário.

— Será que este é um problema meu ou seu? Sei lá, é você quem costuma fugir de competição há um bom tempo...

— Cala a boca, moleque!

Não consegui me segurar. Ele estava a fim de me tirar do sério mesmo. Por que ele tinha que trazer aquela história de novo, da competição, do meu fracasso, do dia... eu já não aguentava mais, queria tanto esquecer tudo aquilo!

Respirei fundo para não perder o controle. A minha vontade era de... esquece! Virei de costas para ele e fui arrumar as roupas que estavam jogadas na minha cama. Só que Juba não estava disposto a me dar trégua.

— Que doido, né? Você, todo campeão, não ter nada para colocar aí na sua metade do mural...

Eu não queria entrar naquela briga, muito menos falar daquele assunto. Não queria mesmo. Mas ele não parava e eu não tive como fugir.

Sei que preciso encarar essa derrota. *Essas derrotas.*

Mais uma vez.

A única coisa boa que eu ainda conseguia guardar daquele dia fatídico da competição de atletismo, no campeonato interescolar, era a foto que Manu tinha me dado. A gente se conheceu na escola e sempre foi muito amigo, desde a infância. Crescemos praticamente juntos, vivemos lado a lado a chegada da adolescência e nos tornamos confidentes.

Ela torcia por mim.

Tá certo, todos torciam.

Eu era a esperança de a escola ganhar uma medalha nos campeonatos de atletismo interescolares. Mas ter a torcida da Manu era especial para mim.

Naquela manhã, nos cruzamos pelos corredores da escola. Ela estava animada e prometeu chegar mais cedo no ginásio para garantir um lugar bom na arquibancada para me ver.

— Thales, correr com você eu não consigo. Mas, mesmo assim, quero estar juntinho de você naquela pista.

Manu esticou o braço e me entregou uma foto três por quatro dela, linda.

Guardo essa foto dentro de um livro, uma biografia do Usain Bolt que eu nunca terminei de ler (parei naquela época) e que mora na mesinha ao lado da minha cama.

Achei que a foto poderia viver agora em outro lugar. Era uma maneira de mostrar para o meu irmão que... enfim. Prendi a foto do meu lado do mural.

— Ei, o que é isso? — Juba perguntou, dias depois, ao voltar do treino de futebol. Andou até o mural e foi largando o uniforme suado, as chuteiras e as meias fedidas no meio do caminho.

Eu estava estudando, concentrado, e demorei a entender o que ele estava perguntando. Quando percebi que olhava obsessivamente para a foto da Manu no meu lado do mural, fiquei incomodado. Muito incomodado mesmo. Rapidamente, empurrei ele e tirei a foto do mural.

— O que foi? Deixa eu ver essa foto, Thales! — protestou, tentando arrancá-la da minha mão.

— Esquece, Juba! É coisa minha.

— Você está com vergonha de mim? Do seu próprio irmão? Como assim?

— Não tô com vergonha de nada. Cuida da tua vida, Juba! — acabei com o assunto e guardei a foto dentro do livro do Bolt. — É outra, como se você se interessasse pelas minhas coisas. Só me enche o saco!

— Ah, não! O que eu falo, falo para o seu bem, maninho.

— Pro meu bem? — não consegui segurar o riso. — Pro meu bem? Você não me faz um elogio, sempre diz que eu estou errado, que eu deveria isso, aquilo, aquilo outro...

— Seja lá o que falei que você deveria, *deveria!* — ele se aproximou de mim e colocou as mãos nos meus ombros. — Eu sei que sou seu irmão mais novo, você que deveria me dar uns conselhos, mas ó, vou ser sincero, posso?

Assenti com a cabeça.

— Você é um lerdo! — disse, taxativo.

Um ódio me subiu pela espinha, mas me segurei. Juba logo percebeu a besteira que tinha dito e tentou consertar.

— Calma, eu não estou falando daquele lance. Não quis dizer...

— Mas disse! — eu o cortei, empurrando-o para longe de mim.

Ele se desequilibrou, caiu na cama dele e levantou de lá com tudo, falando sem parar.

— Eu estou falando de *outro* assunto!

— Ah, é? De qual?

— Pô, mano, bem que eu tenho razão. Lerdo! Lerdo! Lerdo! Vou ter que ser direto: você precisa dar um jeito nessa paixão pela Manu!

— Se liga, cara! Ela é minha amiga e só — me defendi.

Ele ficou em silêncio. Pensei que tivesse escapado dessa. Ele foi até o corredor e disse, como quem não quer nada:

— Não é o que todo mundo fala lá na escola, Thales. Todo mundo comenta que você fica sempre atrás dela, mendigando atenção. Ó, vou falar o que ninguém falaria para você, conselho de *brother*: se posiciona, diz que curte ela. De outro jeito, você só vai ficar imaginando, sério. Tem um monte de gente a fim da Manu.

— Que jeito de falar, Juba.

— Cola na minha, meu irmão. Foca e vai, senão você vai perder mais uma chance. E tenho que dizer para você que vale a pena.

A última frase me chamou a atenção. Mais do que isso: me embrulhou o estômago. Tentei fingir que não tinha ouvido nada, mas foi impossível, não me segurei.

— Vale a pena o quê?

Ele ficou sem graça. Deu para ver na hora. E tentou disfarçar, seguindo com o assunto.

— Ficar com a Manu — ele repetiu.

— Não entendi.

Quando Juba percebeu que eu estava me aproximando dele, começou a se explicar.

— Ah, se liga, Thales! Quem me falou isso foi o Andrey lá da minha classe. Você tá ligado que ele já ficou com ela, né? Eu tô te dizendo... — continuou, gaguejando. — Esquece, esquece! Vai, fica de boa e bota a foto dela de novo no mural. Afinal, ela é sua amiga, não é?

Continuei encarando o Juba, sem sequer piscar, e perguntei, numa tacada só:

— Você já ficou com ela, Juba?

Ele desviou o olhar do meu. Por mais que me doesse aquele assunto, eu precisava insistir.

— Hein, Juba? Você já ficou com ela?

Um silêncio constrangedor tomou conta do quarto. A demora do Juba em me dar uma resposta foi o suficiente para me fazer voltar no tempo, para o dia do campeonato. O dia da corrida que eu tinha tudo para ganhar, ainda mais com a foto da Manu no bolso e ela torcendo por mim do melhor lugar da arquibancada.

O dia em que ela não apareceu.

E ninguém sabe que eu sei o que aconteceu.

\*\*\*

Eu estava muito ansioso. Era pressão demais sobre mim. Nos anos anteriores, eu tinha me destacado bastante nas atividades de atletismo na escola e o professor de Educação Física recomendou que eu desenvolvesse aquele meu talento. A coordenadora da escola chamou os meus pais para conversar sobre isso e eles, orgulhosos, começaram a apostar em mim. Contrataram um treinador por um tempo, me inscreveram em provas infantis e, depois, juvenis. Venci algumas corridas, colecionei medalhas, sempre me destaquei. Por isso, eu era uma das grandes esperanças da escola no campeonato interescolar. Naquele ano, talvez eu fosse o melhor atleta de todos.

O Juba, quando era menor, curtia essa coisa toda, ia com a gente aos campeonatos. Depois, começou a achar chato e a fingir que eu não existia. Coisa de irmão, eu sei, todas as atenções estavam voltadas para mim. Mas isso pouco me importava. Só queria que a Manu estivesse sempre ao meu lado. Ela me dava sorte.

Naquela manhã, pouco antes de a prova começar, pedi licença para ir ao banheiro. Os meus pais, que me acompanhavam e guardavam lugares na arquibancada, aproveitaram que eu circularia pela escola e me pediram para procurar o Juba, porque ele tinha sumido. Foquei, é claro, na minha ida ao banheiro, que seria mais importante para mim e, caso eu cruzasse com o Juba pelo caminho, falaria para ele voltar ao ginásio. Mas eu não ia perder o meu tempo procurando por ele.

Só que, no meio do meu trajeto, vi Manu passar. Ela corria, um tanto eufórica, por um corredor. Quis ir atrás dela, ouvir o último “Boa sorte, Thales!”, mas já estava em cima da hora do início da competição. Fiquei acompanhando-a passar, sabia que ela, dali a pouco, estaria me aplaudindo na arquibancada. Foi aí que percebi que ela parou para falar com alguém. Não sei por que, mas meu instinto me pediu para segui-la.

Cheguei o mais perto que pude e percebi que ela estava perguntando sobre a competição para alguém. Fiquei feliz. Resolvi me aproximar mais um pouco. Foi quando me dei conta de que ela conversava com Juba.

Até aí tudo bem. Mas comecei a me incomodar quando percebi o sorrisinho no rosto do meu irmão, jogando charme para ela. Aquilo me fez um mal. E pior: ela estava achando graça das brincadeiras dele. Então, me afastei um pouco, fui me esconder atrás de uma pilastra. Não dava mais para ouvir o que eles estavam falando. No alto-falante, anunciaram que a competição começaria em instantes.



Em meio ao meu volta-não-volta, paralisei ao assistir aos dois se aproximarem e trocarem um beijo rápido. Foi um selinho, mas aquilo me destruiu. Vi que a Manu ficou toda sem graça, disse alguma coisa e logo se livrou do Juba. Ele, por sua vez, estufou o peito e tocou o lábio com a ponta do indicador, como se não acreditasse no que tinha acontecido.

\*\*\*

— Não! Ficar com a Manu? Você é doido? De onde tirou isso, cara? — foi o que ele me respondeu depois da derradeira pergunta. — Vai, Thales, coloca a foto da mina no mural. Tá, tá, ela é sua amiga e pronto!

Eu não queria mais discutir. Aquela história toda me desgastava demais. Fiz o que ele pediu: coloquei a foto da Manu no mural outra vez. Era ali que eu queria que ela ficasse.

Olhei-a com carinho.

— É... — suspirei.

— É o quê? — Juba me perguntou.

No fundo, ele tinha razão em um aspecto.

— Eu preciso ter mais coragem para algumas coisas — constatei.

Ele ficou do meu lado, pôs a mão no meu ombro.

— Acho que sim. Se você não correr atrás do que deseja, nada vai acontecer.

— Sou lerdo, tenho que correr... você está me dando indiretas, é?

— E eu sou cara de dar indiretas? Eu dou a direta e pá! Você era um cara mais legal quando corria lá na escola.

— Por que você se aproveitava da minha fama? — questionei.

— Tá, é verdade... ser irmão do campeão era bom. Mas você era um cara mais legal, mais enturmado, menos fechadão. Depois que rolou aquele lance, você fica aí no seu mundinho.

— Então eu só era legal quando eu ganhava. Quando eu per...

Juba me cortou. Parece que o que aconteceu naquele dia o incomodava bastante também.

— Esquece aquela competição, parece que você parou naquele dia e nunca mais voltou. Que trauma é esse? Acabou, passou. Chega!

— Você que pensa que acabou. O que aconteceu aquele dia ainda dói demais em mim.

Ele se colocou na minha frente, olhou bem nos meus olhos e me aconselhou.

— Quando tiver uma próxima oportunidade, faça o favor de agarrá-la com todas as suas forças.

Não, eu não conseguiria agarrar nada. Ter perdido duplamente me fez ter medo de encarar os desafios, de me encarar, de saber quem eu sou. Eu não era daquele jeito antes, não era mesmo. E não queria decepcionar mais ninguém. Eu ainda não consigo entender se perdi a corrida por causa do que rolou entre a Manu e o Juba ou se a perdi por... enfim, é tudo muito confuso.

Às vezes, eu queria ser igual ao Juba. Parece que, para ele, as coisas são mais fáceis, descomplicadas. E, naquele dia, o mais rápido foi ele. Essa é a verdade. Talvez ele seja sempre mais rápido que eu, essa é outra verdade. Não é por acaso que, em pouco tempo, o lado dele do mural ficou lotado de coisas. Fotos, convites, bilhetes, lembranças de festas. No meu, apenas a esperança de Manu.

Ele tem razão. Eu estava preso naquele dia. Com muito medo. É que ganhei tanto, vivi tanto, gostava tanto de competir. E perdi tudo. Só não perdi uma das coisas mais importantes para mim, que eu guardo como um tesouro: a medalha do meu primeiro interclasses.

Como era bom correr.

Eu me lembro tanto daquela época, do comecinho, quando eu treinava sem parar no quintal de casa. O Juba ficava sentado me olhando e dizendo:

— Vai, mano, vai! Corre mais, você consegue! Muito bom!

Ele gostava de ser irmão do campeão da escola. Gostava mesmo. E eu também gostava de ser o campeão da escola e achava que *sempre* poderia ter tudo o que eu quisesse, que *sempre* ganharia as competições.

Mas eu estava errado.

Não ganhei a corrida e não consegui conquistar a Manu.

Agora, quero correr de tudo e de todos sem sair do lugar, porque nem sei para onde ir. O Juba está vivendo a vida dele, conseguiu ficar com a menina de que eu gosto e com tantas outras. E eu aqui, me perguntando, todos os dias: “E aí, Thales, para onde você vai correr agora, hein?”.

Não faço a mínima ideia.

## O lado do Juba

As pessoas sempre falaram muito sobre o Thales comigo. É sério. Sei lá se eu curto isso ou não. Antes porque ele era “o bonzão”. Eu tinha um pouco de ciúme, verdade, mas ainda era melhor do que hoje em dia, pois só ficam me perguntando por que ele virou “o esquisitão”. Tenho que concordar com o que estão dizendo por aí, mas ter que viver respondendo ao que querem saber do Thales, e não de mim, é um saco.

Foi o que aconteceu naquela manhã, mais uma vez. Estava com os moleques no pátio e o Thales passou. Cabeça baixa, fone no ouvido, mão no bolso. Parecia que nada mais existia ao redor dele. Nada mais importava.

Virou assunto na hora, é claro.

— O seu irmão anda bem esquisito, hein, Juba? — um deles disparou.

— *Anda* esquisito? O Thales é esquisito. Dia sim, dia sim, eu diria — o outro complementou.

— É que eu acho que, nos últimos tempos, ele está ainda mais. Ele já é na dele, mas está mais calado, só olha para baixo. O que você tem a nos dizer, Juba? O que tá rolando com o Thales?

— É... eu não sei. Não sei. Também isso é problema dele, né? Não é porque a gente é irmão que eu tenho que saber tudo sobre ele. O Thales é assim mesmo...

— Vocês são bem diferentes mesmo, né?

— Muito.

Àquela altura, o papo nem me interessava mais. Eu estava ligado na cena que acontecia a alguns metros de mim. A Manu viu o Thales quietão passando pelo corredor e correu até ele. Deu para perceber que o mundo se iluminou de novo para o cara. Ele até abriu um sorriso. Eles sempre foram muito amigos e, por serem tão amigos, ele acabou se encantando por ela.

Manu pegou-o pelo braço e foi se aproximando da parede. Fiquei curioso e segui os dois. Cheguei bem pertinho deles e consegui ouvir um pouco da conversa.

— Thales, como você está? — ela quis saber.

— Estou bem, por quê?

— É o mural novo?

— Como você sabe do mural?

— Como você acha? O linguarudo do seu irmão me contou.

Ah, garotas! Para que falar isso, Manu? Vai sobrar para mim.

Thales fez uma careta.

— Aquele moleque!

— Não implica com o Juba, ele é desse jeito mesmo — ela ponderou.

De que jeito que eu sou?

— Um criançaço! — Thales continuou.

Eu quase saí do esconderijo para tirar satisfação, mas Manu mudou de assunto.

— Esquece! — disse e tirou algo da bolsa. — Queria dar uma coisa para você colocar na sua metade do mural.

— Jura, Manu?

— Ué, não tem uma foto minha lá?

Eita, mas fala demais, hein?! Thales ficou até sem graça e eu fui dedurado mais uma vez.

— Sim, o Juba também me contou.

— Ele não tinha o direito!

— Relaxa, Thales. Olha o que eu achei, não sei por que estava comigo e não com você. Por isso que eu estou te dando... um bilhete que eu escrevi pra você naquele dia da corrida.

— Da corrida que eu perdi...

— Coisas que acontecem com os melhores atletas.

Thales pegou o bilhete da mão dela.

— Acabou que você não foi me ver naquele dia.

— É, eu tive que ir embora. Aconteceram umas coisas.

O clima ficou tenso. Inclusive para mim, que não estava nem participando do papo. Thales andava com aquele maldito espírito investigador.

— Que coisas? — ele quis saber. — Você nunca me contou, Manu. Sempre fala “aconteceram umas coisas”, sei. Eu vi você na escola aquele dia.

— Não lembro direito... — ela disfarçou. — Ah, acho que eu passei mal! Estava muito calor, credo. Foi isso!

— Humm... é, eu fiquei esperando você, te procurei na arquibancada.

— Então, olha, na próxima corrida, prometo que estarei na primeira fila da arquibancada.

— Não sei se vai ter pró...

Manu o cortou.

— Depois você decide isso, Thales. Só fica com este bilhete de boa sorte. É seu.

A Manu entregou o bilhete para ele e saiu correndo. Eu fiquei olhando o meu irmão com o bilhete na mão, todo parado, olhando para ela, que já estava lá longe. Aquela história e aquela menina mexiam muito com ele. E eu tinha uma parcela de culpa (talvez toda a culpa) pela dor que ele sentia. Que droga! Daquela vez, o meu peito apertou de verdade. Fiquei pensando em tanta coisa, viajei. Voltei para a Terra só quando o meu colega me cutucou e perguntou:

— Tá a fim de entrar no time de futebol do interescolar deste ano?

— Como assim? Vai rolar interescolar de novo?

— Decidiram que sim. Ouvi dizer lá no grêmio. Acho que vamos nos inscrever com o nosso time de futebol. Quer entrar?

Não respondi.

Só pensei em uma coisa: não seria a chance de reverter tudo o que eu fiz?

\*\*\*

— Já falei mil vezes que não vou competir, cara. Não insiste! — Thales gritou comigo quando toquei no assunto.

Naquela tarde mesmo, depois da escola, contei a novidade que tinha ouvido do meu colega como uma oportunidade para ele.

— Ô rapaz, para com isso! Você é o melhor corredor que aquela escola já teve. Gostava tanto de competir, de vencer. Por que não se dá essa chance mais uma vez?

— Muita pressão! Não gosto mais disso — respondeu.

— Eu não estou falando do que os outros esperam de você, Thales. Esquece o que os outros pensam, você precisa aprender isso. Faz o que tem que fazer, qualquer coisa que seja, por você. Você ama correr, ama estar na pista competindo. Eu me lembro direitinho de que, quando eu era pequeno, ficava impressionado com a sua velocidade, parecia o Flash.

— Você pode me respeitar, por favor? Está decidido, não quero participar desse campeonato. Não quero, Juba!

— Perder faz parte. Ninguém mais se lembra do que aconteceu. Aquele campeonato está lá no passado.

— Mas eu não me esqueci de nada.

— Desde aquele dia, você se trancou nesse medo, ficou preso nessa história. Fica se escondendo de tudo e de todos. Olha para a sua vida, Thales! Você é legal, bonito e fica preso nessa bolha do passado. Aí o seu mural vai ficar assim, sem nada, até quando você tiver a idade da vovó.

Olhei para o mural e vi que, do lado dele, além da foto da Manu, tinha um bilhete pregado. Eu me aproximei e o li.

— Rapaz, mais do que ganhar essa corrida, você bem que quer conquistar o coração da Manu, né? Acho que ela quer exatamente isso também — falei.

Ele me encarou e seus olhos marejaram.

— Era o que eu queria que tivesse acontecido naquele dia — ele falou. — Mas a Manu não apareceu.

Senti o mundo pesando nas minhas costas. Fiquei com outro nó na garganta.

— Não lembro o que deu nela — tentei disfarçar.

— Ela disse que passou mal.

— Verdade! Como eu poderia me esquecer?

— É, não sei como você poderia se esquecer daquele dia.

Ficamos nós dois ali, em silêncio. Foram poucos segundos, que duraram uma eternidade.

— Você não tem noção do tanto que eu perdi naquele dia — ele me falou.

Ah, saquei tudo: ele tinha me visto beijar a Manu no dia da competição! E eu, no pensamento dele, era o culpado por ambas as derrotas. Ele estava a fim da Manu, mas eu... eu também, oras! O que eu podia fazer? Rolou um clima entre nós dois e quisemos nos beijar. Só não tinha ideia de que eu poderia causar esse estrago todo na vida do Thales. Ah, faço tudo errado, ajo por impulso! Acho que isso acabou acontecendo porque eu queria brilhar igual a ele, ser pelo menos um pouco parecido com o meu irmão. Quem me dera ser o campeão da nossa família! Quem me dera ter todo mundo torcendo por mim! Acho que é por isso que o meu lado do mural está cheio: porque eu me atiro na vida, não tenho medo do que os outros pensam de mim e vou vivendo.

Sabe, fiquei até triste pelo Thales agora. Além do lance da Manu, teve toda a pressão por causa da derrota. As pessoas foram cruéis com ele e ninguém sequer quis saber como ele estava, o que se passava dentro dele. Hoje eu gostaria de dizer para ele não ser tão exigente desse jeito. Levam a vida mais de boa. A gente é adolescente, tem que descobrir as coisas da vida e ele fica aí se segurando, com medo. Ele fica escondendo o que tem de bom, os talentos... imagino que nem tenha dado bola para a notícia do campeonato deste ano. E deveria. Deveria mesmo. Competir, tentar de novo, se atirar.

Bem, não adianta falar. Não quero comparar a gente. Até sei que eu deveria ter um tantinho da disciplina que ele tem, do comportamento exemplar, mas, às vezes, ele poderia se inspirar em mim e dar uma de doido.

E foi por isso que eu pus em prática uma ideia que achei boa.

\*\*\*

Mas é claro que meu irmão não achou.

E o pior é que ele descobriu o que eu fiz porque a Manu contou para ele, não eu. Ela fez isso de novo!

Um dia, na escola, ela chegou para ele toda feliz, dizendo que admirava a decisão que ele tinha tomado. Ele, é claro, não entendeu nada do que ela estava falando.

— Ué, estou falando de você ter voltado a correr! Estou muitíssimo feliz, Thales! Vi o seu nome na lista dos competidores do campeonato interescolar de atletismo deste ano.

O meu irmão gelou e disse, sério:

— Ah, Manu, para com essa brincadeira!

— Não é brincadeira, Thales! Eu vi mesmo o seu nome na lista e está todo mundo comentando o seu retorno à pista.

— Manu, tem alguma coisa errada. Eu não...

Não, não tinha nada de errado. Ele estava mesmo inscrito na prova. Manu até procurou a lista na internet e mostrou para ele.

— Eu confio em você, Thales. E, desta vez, eu vou estar lá para aplaudir você, meu amigo.

Mesmo com toda a boa intenção que eu tive, sobrou para mim. Quando ele voltou para casa, foi direto para o quarto e me deu uma prensa daquelas.

— Você não podia ter feito isso, Juba! Você não podia interferir desse jeito na minha vida!

Eu fiquei tão nervoso que até dei umas respostas nada a ver. Não era bem aquele meu melhor argumento.

— Só estava achando a sua parte do mural muito vergonhosa.

— Que droga esse mural! Tudo começou por causa dele.

— Ué? Não era você que tinha curtido muito esse presente da vovó? O que aconteceu?

— Ah Juba, deixa eu viver a minha vida do jeito que eu quero.

— Não acho que você vive a vida do jeito que você quer, mano. Você tem um medo danado dela.

— Todo mundo, como sempre, me julgando, dizendo o que eu devo, o que eu não devo...

— Ei, ei, ei! Quem é julgado aqui nesta casa sou eu. Você é o queridinho, esqueceu? Eu que estou sempre levando bronca, recebendo sermão, ouvindo que deveria ser como o meu irmão...

Thales me olhou nos olhos e eu fui o mais sincero possível.

— Mas tem uma qualidade sua que eu acho que eu deveria ter mesmo.

— Do que você está falando?

— Se bem que, esta única qualidade que eu acho que deveria ter, você não tem mais. Por isso que eu quis ajudar você, vai que me inspira outra vez!

— Não estou entendendo nada, Juba.

— Ô Thales, pelamor! Você é lerdo mesmo. Eu queria ser bom em alguma coisa como você é na corrida.

— Como eu fui. Isso é passado.

— Você desistiu, isso sim. E eu sei que não foi por causa da corrida. Foi por causa de outra coisa.

Ele ficou me olhando.

— Você nem imagina o que eu senti naquele dia — ele me disse.

— Imagino, sim. Dormi no mesmo quarto que você todas as noites e ouvi você chorar. Eu imagino, sim. Foi terrível para mim também, Thales. Você não sabe o quanto eu sofri, por muitos motivos, mano. Eu só achei que era a hora de você acabar com isso de uma vez por todas. Por isso, inscrevi você na corrida do interescolar. Tá, fui eu que inscrevi você! E faria isso de novo e de novo e de novo.

— Eu não vou — declarou.

— Não vai? — eu falei. — Então, belê!

— Belê? — ele estranhou.

— Belê! Se você não for, eu vou no seu lugar. Posso perder, vai ser pior para você. Todo mundo vai rir de nós dois. Mas, olha, se eu ganhar, Thales, e eu vou fazer de tudo para isso, vou comemorar com a Manu — provoquei o meu irmão, usando o meu jeitinho maroto.

— Do que você está falando?

— É isso mesmo! Eu vou comemorar com a Manu. E você vai ficar aí só vendo a foto dela no mural.

Não sei o que deu em mim para falar uma coisa daquelas, mas apostei no tratamento de choque. Ele ficou furioso, óbvio, avançou em mim, quis me bater e tudo. Eu me protegi, mas, em vez de sentir a mão dele fechada sobre mim, ouvi um barulho. Fui ver se estava seguro, se não ia levar um tapão na orelha, mas vi o meu irmão chorando. O meu coração ficou destruído. Mais uma vez.

— Calma, mano, eu errei daquela vez. Você sabe que eu sou esse sem miolo, igual o papai fala. Esquece a minha provocação, por favor. Agora é com você. A Manu é a fim de você, eu sei.

— E se eu perder de novo? — ele disse, soluçando.

— Tá. Mas e se você ganhar de novo?

\*\*\*

Thales ficou um tempo sem falar comigo. Ele estava muito mexido mesmo. Eu entendia. Não sei se eu aguentaria tanto também.

Por isso, sempre que possível, eu fazia questão de reler o que a Manu tinha escrito no bilhete em voz alta. Ela dizia que estava torcendo muito por ele, que o Thales era o único campeão que ela conhecia na vida dela e que isso a deixava muito orgulhosa. Era muito bonito mesmo o que ela tinha escrito.



De tempos em tempos, a Manu me interceptava no corredor da escola para saber notícias do Thales, se ele teimava naquela decisão de não competir.

— Ele ainda está muito furioso com o que eu fiz.

— Puxa, mas não era para tanto. Será que ele não entendeu que você fez isso para o bem dele?

— O Thales se fechou. Ele sempre foi na dele, mas entrou num buraco muito doido. E eu sempre achei que fosse culpa minha. Mas depois que a gente ganhou aquele mural e vi o espaço dele vazio, me deu a impressão de que, por dentro, ele estava assim também. Fiquei triste de verdade. Daí, quando vi o anúncio do campeonato, inscrevi o meu irmão sem nem pensar direito.

— Você fez muito bem.

— Agora, se ele vai aparecer lá na corrida, eu não sei. A gente só vai descobrir no dia.

— Essa eu não vou perder! — ela disse.

— O Thales com certeza vai ficar feliz de te ver por lá.

— Claro, sou amiga dele...

Fiquei olhando para a cara dela, encarando mesmo. Como as pessoas não viam o que estava bem na frente delas?

— O que foi? — Manu me olhou com estranhamento.

— Você nunca percebeu algo a mais na amizade de vocês? — perguntei.

— O quê?

— Manu, naquele dia da corrida, a gente se beijou.

— Ah, Juba, foi uma bobagem! Um selinho só. Nada demais, né?

— É... mas o Thales viu.

— Como assim? O Thales viu?

— Viu! Ele nunca me contou, mas eu fui sacando. Tenho certeza de que foi isso que abalou o meu irmão naquele dia.

— É, me abalou também. Daí, achei melhor ir embora. Fiquei muito confusa.

— Tudo culpa minha...

— Nada a ver, Juba. Esquece isso. O que você queria falar sobre o Thales?

— Você também é bem lerdinha, hein?

— Para! — ela duvidou. — Jura mesmo, Juba?

— Juro, Manu. Ninguém coloca a foto de uma mina num mural à toa. Pode ter certeza.

E ela ficou me olhando, pensativa.

\*\*\*

Ele foi.

No dia da corrida, para a surpresa de todos, Thales foi.

Fez valer a inscrição que eu tinha feito.

Não anunciou nada a ninguém, só chegou no ginásio e ficou focado o tempo todo.

Não olhou para o lado em instante algum, não se importou com as pessoas que estavam na arquibancada e nem sequer com a Manu, que estava vibrando.

Eu achei isso incrível, fiquei orgulhoso do meu irmão.

Ele estava lá por ele, só por ele, para vencer a si mesmo.

Eu escolhi ficar longe de tudo e de todos, para evitar qualquer confusão ou mal-entendido. Escolhi um lugar privilegiado, no alto da arquibancada, para vê-lo correr. E assisti à corrida, todo orgulhoso.

E ele correu.

Correu como nunca.

Correu apaixonado.

Correu inteiro.

Correu leve.

Senti que ele saiu da linha de partida de um jeito e ultrapassou a chegada transformado.

E que o que menos importava para ele era ter conseguido o primeiro lugar.

Isso foi lindo.

Ele correu mais que em todos os campeonatos.

Correu como o irmão que eu sempre amei ter.

A vitória, naquele dia, fez dele um garoto mais leve nos dias que se seguiram.

Ele voltou a sorrir, a acreditar nele mesmo.

Tempos depois, chegou até mim e pediu desculpas.

— Eu acho que fui injusto com você.

— Ih mano, imagina. Já tô acostumado! Tô zoando. Sério, tô felizão. Você precisava redescobrir a sua força, o seu talento.

— É verdade. Esse tempo todo distante da corrida e eu não conseguia entender o que estava faltando. Quando uma peça da gente falta, não dá para seguir em frente, né?

— Achei meio profundo, mas deve ser isso.

— Se não fosse você, Jubazinho, isso não teria acontecido.

— Tudo bem que eu fui um vacilão, né?

— Mas, se não fosse assim, não seria você.

— Fato! Agora eu só fiz o que deveria fazer. E tem outra: se não fosse tudo isso, como eu ia descobrir que eu também posso te ajudar, hein, mano? Tenho um lugar aqui! — ele colocou a mão no meu ombro. — Acho que eu descobri que quando você ganha alguma coisa, Thales, eu também ganho de certa forma.

O meu irmão me abraçou. A gente nunca se abraçava e eu fiquei um pouco constrangido com aquela cena, mas depois fiquei feliz e o abracei com toda a força do mundo.

Quando nos soltamos, estávamos em frente ao nosso mural. O mural que deu início a todas as transformações. Estava com os dois lados totalmente preenchidos.

— A gente achava que esse mural era uma viagem da vovó — comentei.

— A gente, não! Você! — Thales retrucou.

— Tudo bem, tudo bem. Tenho que concordar com você. Eu desconfiei desse lance.

— E eu não fazia ideia de como preencher a minha parte — ele suspirou.

— E você viu como a resposta é simples?

Thales sorriu para mim.

— Bom, meu irmão, o papo está legal, mas preciso ir.

— Manu? — perguntei.

— Manu!

— Boa!

Então, Thales saiu do quarto e eu fiquei lá, olhando a minha parte do mural. Estava completinha, mas faltava algo.

— Pois é, para preencher direitinho isso aí, basta ser quem a gente é de verdade.

Suspirei fundo.

— Eu também vou conseguir um dia. Também.

# Sobre o autor

**Caio Tozzi** é escritor, roteirista e jornalista. Nasceu em São Paulo, em 1984. É formado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-graduado em Roteiro Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sua atuação profissional transita em projetos de arte, cultura, entretenimento de diversas áreas de conteúdo, como jornalismo e publicidade. Para os jovens leitores escreveu, entre outros, os livros *Tito Bang!*, *Fabulosa Mani*, *Procura-se Zapata*, *Sala 1208* e *Super-Ulisses*, sendo os dois últimos finalistas do Prêmio Jabuti 2022 na categoria Juvenil. Como documentarista, criou, roteirizou e codirigiu os filmes *Ele era um menino feliz — O Menino Maluquinho, 30 anos depois*, sobre a trajetória do personagem mais famoso do escritor e cartunista Ziraldo, e *A vida não basta*, que conta histórias de pessoas que vivem pela arte e tem a participação de Milton Hatoum, Ferreira Gullar, Toquinho, Denise Fraga, entre outros. Para os palcos, escreveu o monólogo dramático *Vic Triunfo* e o juvenil *Os lunáticos*. Também é o criador e apresentador do *podcast* #MOCHILA, que fala sobre ficções produzidas para jovens em diversas mídias. Para conhecer mais o seu trabalho, acesse o site [www.caiotozzi.com](http://www.caiotozzi.com).